

# SALI[ẽj]CIA SOCIAL E MUDANÇA LINGUÍSTICA: A DITONGAÇÃO DE /e/ NASAL NO PORTUGUÊS PAULISTANO<sup>1</sup>

Livia OUSHIRO<sup>2</sup>

Ronald Beline MENDES<sup>3</sup>

**RESUMO:** Analisa-se, a partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), a realização variável de /eN/ como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj] em palavras como *fazenda* e *pretendo*, extraídas de um *corpus* contemporâneo de 118 gravações com falantes paulistanos. A análise do discurso metalinguístico dos informantes indica se tratar de uma variável de baixa saliência social na comunidade, ainda que a variante ditongada pareça se constituir como um estereótipo (LABOV, 1972) de paulistanos para os não nativos da cidade. As análises quantitativas, desenvolvidas em modelos de efeitos mistos (BAAYEN, 2008; JOHNSON, 2009) no programa R, revelam que o uso de [ẽj] está se expandindo na comunidade, com forte favorecimento pelos falantes do sexo feminino, mais escolarizados, de classe social mais alta e caracterizados por menor mobilidade geográfica. No entanto, as diferenças observadas neutralizam-se entre os mais jovens. Nesse sentido, o artigo discute o encaixamento social de uma mudança de baixo (LABOV, 2001a) e, em complemento ao modelo de fluxos e contrafluxos (SCHERRE; NARO, 2006) proposto para variáveis com variantes sujeitas a estigma social, sugere que variáveis abaixo do nível da consciência tendem a se difundir rápida e unidirecionalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** /e/ nasal. Ditongação. Variação. Avaliação linguística. Mudança abaixo da consciência. Saliência social. São Paulo.

---

1 Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela Fapesp (Proc. N. 2011/09122-6).

2 *Email:* livia.oushiro@usp.br

3 *Email:* rbeline@usp.br

## Introdução

Este artigo analisa a realização variável de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj], em palavras como *fazenda* e *pretendo*, em um *corpus* contemporâneo do português paulistano, composto de 118 entrevistas sociolinguísticas. Embora existam diversos estudos sobre vogais nasais no português brasileiro (p. ex. MEDEIROS, 2007; ABAURRE; PAGOTTO, 2013; MORAES, 2013), incluindo-se os ditongos nasais (p. ex. BISOL, 1998; DEMASI, 2009), sua grande maioria opera a partir de um ponto de vista fonológico – em que a nasalidade tem função contrastiva, como nos pares mínimos *sem/sei* e *pão/pau* – ou do ponto de vista da assimilação regressiva, como em *cena* [se.nẽ] ~ [sẽ.nẽ] –, visando a descrições aerodinâmicas, acústicas, articulatórias, perceptuais e fonológicas.

A alternância entre monotongação e ditongação de /e/ nasal foi ainda pouco explorada, tanto da perspectiva fonética quanto de seus correlatos sociais. Colley (2011), ao realizar a descrição acústica de vogais nasais (como em *sendo*) ou nasalizadas (como em *pena*) na fala de quatro informantes cariocas, notou a frequente presença de um glide em /eN/: em contextos em meio de vocábulo, F2 pode abaixar na direção de [ẽj]. Trata-se, portanto, de uma variante distinta daquelas encontradas no português paulistano e aqui analisadas. Silva (2013), por sua vez, analisou acusticamente a ditongação de /e/ nasal em relação à vogal da sílaba seguinte, em palavras como *pense* [I], *penso* [ʊ] e *pensa* [ɐ], com a hipótese – confirmada – de que a vogal coronal [I] favorece a realização de /eN/ como [ẽj].

O presente estudo analisa a variável de um ponto de vista sociolinguístico, qualitativa e quantitativamente, com destaque para a correlação com variáveis sociais. Demonstra-se que a realização ditongada [ẽj] se encontra em rápida expansão na comunidade paulistana, com forte favorecimento pelos falantes do sexo feminino. No entanto, as diferenças observadas em relação

ao sexo/gênero, classe socioeconômica e outras características sociais dos falantes não se aplicam uniformemente na comunidade, uma vez que as variantes se distribuem diferentemente ao longo das faixas etárias e as diferenciações se neutralizam entre os mais jovens. Nesse sentido, o artigo tem como principal objetivo discutir o encaixamento social da mudança que, como se verá, tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes (LABOV, 2001a).

Na próxima subseção, analisa-se o *status* atual da ditongação de (ẽ).<sup>4</sup> A variante parece ser um estereótipo (LABOV, 1972) do linguajar paulistano *fora* de São Paulo (em frases como “Tá chovendo!”), mas os nativos da cidade, em geral, não desenvolvem um discurso metalinguístico sobre [ẽj]. Em seguida, apresentam-se os materiais e os métodos de análise; em especial, descrevem-se algumas vantagens da análise estatística de efeitos mistos, ainda pouco empregada em estudos sociolinguísticos no Brasil. A subseção seguinte apresenta os resultados das análises multivariadas de correlação com oito variáveis sociais e cinco variáveis linguísticas. Por fim, examina-se mais detalhadamente o encaixamento social de [ẽj] através de cruzamentos com a variável Faixa Etária e discute-se a progressão da variante na comunidade, em contraste com fenômenos sujeitos a estigmatização.

## O *status* de [ẽj] entre paulistanos e não paulistanos

No roteiro de entrevista sociolinguística,<sup>5</sup> buscam-se avaliações sobre a ditongação de (ẽ) através da pergunta “O que você acha desse modo de falar: ‘meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?’”, cujas pronúncias de /eN/ são exageradamente ditongadas pelo documentador. Se o informante manifesta uma atitude negativa, o documentador pergunta o que está “errado”,

---

4 Seguindo convenção sociolinguística, utilizam-se parênteses ( ) para fazer referência à variável, em contraste com as representações fonética [ ] e fonológica / /.

5 Ver roteiro de entrevista do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2013), disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>..

“estranho” ou “esquisito”, e como o falante acha que deve ser a forma “correta” ou “mais natural”;<sup>6</sup> pergunta também quem emprega essa forma e, quando a resposta é “paulistanos”, se se trata de um fenômeno generalizado ou se é mais característico de um grupo específico de pessoas na cidade. É importante notar que a sentença-veículo de /eN/ é deliberadamente indireta quanto ao fenômeno linguístico sob análise, já que possíveis comentários sobre outros aspectos linguísticos podem ser indicativos da saliência social dessa e de outras variantes na comunidade.

A fim de avaliar noções recorrentes no discurso metalinguístico dos informantes, as respostas às perguntas sobre avaliação linguística foram analisadas qualitativamente e, desses trechos, extraíram-se certas palavras-chave. Para o excerto em (1), por exemplo, atribuíram-se as palavras-chave “cantado”, “italianado” e “paulistano”:

- (1) D1: *o que você acha desse jeito de falar “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽĩ]... o que você acha desse jeito?*  
 S1: *meio cantado meio italianado aí*  
 D1: *(vo)cê acha?*  
 S1: *eu acho*  
 D1: *eh... mas quem você acha que fala assim?... “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽĩ]*  
 S1: *eu falei assim? “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽĩ] eu falei né? eu falei cantado...*  
 D1: *(vo)cê acha que é uma coisa dos paulistanos/ todos os paulistanos ou é só de um bairro?...*  
 S1: *eu acho que é coisa de paulistano né?*

6 Diferentes termos foram empregados pelos documentadores, a depender sobretudo da reação do informante à sentença-alvo. É claro que, de um ponto de vista linguístico, não há formas “certas” ou “erradas”. No entanto, a “acomodação” do documentador ao informante permitiu que os falantes elaborassem suas colocações, impressões e reações, que também devem constituir objeto de interesse do sociolinguista.

D1: *de uma maneira geral?*

S1: *é é...*

D1: *entendi e... você acha que você fala desse jeito?*

S1: *eu falo eu falo meio cantado sim* (Irene R., F3SC)<sup>7</sup>

A partir do conjunto de palavras-chave, criou-se a nuvem de palavras da Figura 1, que representa visualmente a frequência relativa de noções associadas à sentença “meu, (vo)cê (es)tá entendendo o que eu (es)tou dizendo?”<sup>8</sup>



**Figura 1:** Nuvem de palavras para avaliações de paulistanos sobre a sentença “meu, (vo)cê (es)tá entendendo o que eu (es)tou dizendo?”

7 Nas citações do *corpus*, o informante é identificado por seu pseudônimo e perfil social: sexo (F – feminino; M – masculino); faixa etária (1 – 20 a 34 anos; 2 – 35 a 59 anos; 3 – 60 anos ou mais); nível de escolaridade (M – até Ensino Médio; S – Ensino Superior); e região de residência (C – bairro mais central; P – bairro mais periférico).

8 A nuvem de palavras foi criada no *site* <http://www.wordle.net/>. Acesso em: 13 abr. 2014.

Entre os significados sociais apontados pelos informantes gravados, verifica-se que a noção mais recorrente é a de “paulistano”. No entanto, não se pode interpretar daí que tal impressão se deve necessariamente à ditongação de /eN/. Muitas dessas avaliações podem ser atribuídas à presença do vocábulo “meu”, que frequentemente foi o foco dos comentários metalinguísticos dos informantes, como no trecho em (2).

- (2) D1: *e esse jeito de falar “meu você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es) tou dizendo?” [ẽĩ]*  
 S1: *é*  
 D1: *quem que você acha que fala assim?*  
 S1: *é não sei eu acho meio... acho um jeito meio paulista<sup>9</sup> até de se falar*  
 D1: *é? você acha que (vo)cê fala assim?*  
 S1: *“meu meu” eu acho muito paulista isso paulistano (Marcelo B., M1MP)*

Comentários que também parecem advir da presença de “meu” na sentença se referem à expressão como “gíria” e, por extensão, a um falar “não correto” (mas não necessariamente “errado”), “coloquial”, e à fala de “adolescentes” ou pessoas “mais jovens”:

- (3) D1: *que que você acha das pessoas que falam “meu você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es) tou dizendo?” [ẽĩ] [...]*  
 S1: *eu acho que é assim ó... falta de assunto... falta de conteúdo eu acho sinceramente... é lógico que tem todo um contexto social de gí-*

<sup>9</sup> A distinção entre os termos “paulista” e “paulistano”, como pessoas nascidas no *estado* e na *cidade* de São Paulo respectivamente, é raramente feita pelos informantes da amostra. O termo “paulista” é frequentemente empregado para se referir às pessoas nascidas na cidade de São Paulo. No exemplo em (2), observe-se que o informante Marcelo B. alterna entre esses termos. Ver também o exemplo (6) abaixo.

*ria... não é... mas quando o aluno... o cara sei lá o adolescente... ele quer falar eh de outra maneira ele não consegue... ele não tem conteúdo... ele não tem ele não sabe/ sabe por quê? o cara não lê... o cara não se interessa... (William A., M2SP)*

Muitos dos falantes discorreram apenas sobre o conteúdo explícito da sentença, descrevendo-a como um modo de se fazer claro ou de chamar a atenção:

(4) D2: *o que (vo)cê acha de alguém que te fala assim “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽ] o que eu (es)tou te dizendo?” [ẽ]*

S1: *é o que/ o que... que que uma pessoa se refere assim?*

D1: *é*

D2: *é o que (vo)cê acha assim de alguém que fala assim?*

S1: *eu acho que eu (es)tou falando demais e aí eu não consegui entender e aí falou/ alguém sabe falou tanto que deixou/ que ele acha que deixou alguma coisa despercebida e aí você fala “você (es)tá entendendo o que eu (es)tou te dizendo?” (Eloisa D., F1SP)*

Talvez não coincidentemente, esses foram casos em que o documentador deixou de mencionar o vocábulo “meu”. Outros comentários frequentes dizem respeito à prosódia e caracterizam esse modo de falar como “italianado, cantado”.<sup>10</sup>

(5) D1: *[...] que que (vo)cê acha desse jeito de falar assim... “você (es)tá entendendo [ẽ] o que (es)tou dizendo?” [ẽ]*

S1: *é peculiar né é próprio da gente... e isso eu acho que tem... tem um cantar... italiano eu sinto que tem um... uma música italiana... nessa frase*

<sup>10</sup> Ver também exemplo (1) acima.

D1: *quem você acha que fala mais assim? tem alguém na cidade algum grupo...?*

S1: *não é o pessoal do Jardins... eu acho que não é... eu acho que é dos bairros mas não dos bairros muito periféricos não... eh próximos do centro da cidade... que pode ser Perdizes pode ser... eh a própria Mooca... pode ser Aclimação... (Iara S., F2SC)*

À associação com “italianos” parece estar relacionada a menção mais frequente do bairro da Mooca (de ocupação originalmente italiana), mas também de bairros mais centrais (como Perdizes e Aclimação), em detrimento daqueles de regiões periféricas. Ainda que bem menos frequentemente, outra identidade social mencionada por dois informantes é a de “patricinhas”, pessoas do sexo feminino e, em geral, mais jovens e pertencentes a classes sociais mais altas:

- (6) D1: *e essa frase aqui ó se eu dissesse assim “você (es)tá entendendo”?*  
 [êĩ] *você acha esquisito ou normal?*  
 S1: *“entendendo” [êĩ] é meio forçado né*  
 D1: *forçado mas você acha que alguém fala assim?*  
 S1: *acho*  
 D1: *quem?*  
 S1: *ah mina principalmente né*  
 D1: *mulher?*  
 S1: [risos]  
 D1: *mas mas... mulher daqui?*  
 S1: *daqui paulista bem paulista... patizinha paulista total “(vo)cê (es)tá entendendo?” [êĩ] né... (Fernando B., M1MC)*

De todos esses exemplos até aqui, chama a atenção o fato de que a maioria dos falantes não menciona especificamente o segmento /eN/, tampouco



a sua ditongação. Alguns dos poucos informantes que fazem menção explícita à variável, ou pelo menos repetem-na nas palavras-alvo “entendendo” ou “fazendo”, comentam sobre experiências de viagens a outras cidades do Brasil ou situações de contato com falantes de outras regiões, em que “foram informados” de que falam desse modo:

- (7) S1: *pra mim... no meu ponto de vista todos os outros têm sotaque/ sotaque menos nós*  
D1: [risos]  
S1: *então eu não vejo isso como sotaque sabe?... mas pelo que dizem... paulistano fala o “e”/ o “entendendo” [ẽj] “fazendo” [ẽj] eu acho que é o jeito correto de falar nessas “fazendo” [ẽ] “entendendo” [ẽ] e já o paulistano não “ah você está entendendo?” [ẽj] “você está fazendo [ẽj] isso?”*  
[...]  
D1: *o que você acha desse modo de falar “você está entendendo [ẽj] o que eu estou dizendo?” [ẽj]*  
S1: [risos] *eu acho normal eu acho completamente normal*  
D1: *normal?... você acha que é coisa de paulistano falar assim?*  
S1: *ah depois que as pessoas me falaram eu acho assim mas eu eu*  
D1: *quem te falou assim?*  
S1: *ah o pessoal que trabalhava comigo de Curitiba todo mundo falava “ai essa coisa de São Paulo”... eh “(es)tá entendendo” [ẽj] [...] eh e fala coisa muito “en en en en” meio o ene talvez pegue desse jeito né? (Carolina A., F1MC)*

Em (7), Carolina A. chega a contrastar as realizações de /eN/ como monotongo e ditongo espontaneamente, antes mesmo que a documentadora lhe houvesse apresentado a sentença-alvo; adiante, ela afirma que a variante ditongada era mencionada por seus colegas curitibanos como algo típico dos

paulistanos. De fato, a ditongação de /e/ nasal parece ser um traço linguístico que identifica paulistanos *fora* da cidade de São Paulo. Em entrevistas socio-linguísticas realizadas em outras comunidades, a variante é frequentemente associada ao falar paulistano ou paulista e não raro recebe uma avaliação negativa, como um modo “feio”, “forçado” ou “engraçado” de se falar. Os excertos abaixo são de entrevistas realizadas em Itanhandu-MG (BIELER DA SILVA, 2013, ex. 8), Campo Grande-MS (VIEIRA, 2013, ex. 9) e São Luís-MA (SANTOS, 2012, ex. 10):

- (8) D1:  *você lembra que a gente estava falando de sotaque? como que você acha que um paulistano falaria alguma dessas palavras? [da lista de palavras]... tem diferença?...*

S1:  *ah tem diferença... eh... deixa eu ver uma aqui [risos]... eles falam “pertencimento” [ẽĩ] o “en” fica mais puxadinho... (Itanhandu-MG, F2A-Clarice)*

- (9) D1:  *que que você acha desse modo de falar “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*

S1:  *“entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ] isso é de paulista*

D1:  *do interior ou da capital?*

S1:  *é da capital*

D1:  *uhum*

S1:  *paulista fala “entendendo” [ẽĩ] ele fala “entra” [ẽĩ]*

[...]

D1:  *aham que que você acha desse modo de falar?*

S1:  *[pausa longa] não sei não é costume meu eu acho que é/ eu né/ é o que eu falei pra você é tudo regional é uma questão de de de cultura não é a nossa cultura a gente acha feio (Campo Grande-MS, F53C-Olga)*

- (10) D1: *o que que tu acha desse modo de falar aqui... “você (es)tá entendendo [ẽj] o que eu (es)tou dizendo” [ẽj]*  
S1: *acho diferente da gente né*  
D1: *é?*  
S1: *é sim*  
D1: *e se é diferente da gente... poderia ser assim de algum lugar específico?*  
S1: *parece de São Paulo Rio... mas parece mais de São Paulo... pode ser que a pessoa queira dar uma certeza maior pro que que ela esteja dizendo*  
D1: *aham e tem alguma coisa de errada aí?*  
S1: *só esse... esse esse “endo” [ẽj] “endo” [ẽj] né*  
D1: *uhn*  
S1: *(es)tá assim muito forte e aí fica feio*  
D1: *ah certo e tu fala assim como eu fiz?*  
S1: *eu não*  
D1: *e tu acha que o ludovicense fala assim?*  
S1: *não... isso (es)tá lá pra baixo (São Luís-MA, F2B-Wilma B.)*

As entrevistas realizadas em Itanhandu-MG não continham uma pergunta específica com a sentença-alvo, mas comentários sobre a ditongação de /eN/ associada aos paulistanos por vezes surgem quando a documentadora pergunta como o informante acha que um paulistano pronunciaria alguns dos itens lexicais de uma lista de palavras. Em Campo Grande-MS, capital que recebeu muitos migrantes da cidade e do estado de São Paulo (VIEIRA, 2013), a associação de [ẽj] com paulistanos e paulistas é frequente. Em São Luís-MA, os ludovicenses também relacionam a ditongação com cariocas, embora menos frequentemente do que com São Paulo; nesse sentido, o comentário de Wilma B. (ex. 10) é bastante representativo de uma avaliação da variante como não nativa: “isso tá lá pra baixo”. Esses informantes, ainda

que pudessem comentar outros traços linguísticos – p. ex., o uso do pronome “você” em vez de “tu” – quase sempre mencionam ou contrastam especificamente o segmento /eN/, o que é indicativo da saliência social da variável naquela localidade.

Esses trechos de entrevistas permitem então, no seu conjunto, considerar que [ẽ] funciona como traço linguístico para identificação de paulistanos, mas os próprios nativos da cidade, por sua vez, ainda que nela reconheçam uma “prosódia paulistana”, em geral não se identificam como usuários da variante, não apresentam um discurso metalinguístico que explicitamente associe grupos sociais à variante ditongada, ou ainda uma avaliação positiva ou negativa sobre as variantes dessa variável. Nos termos de Labov (1972), em sua classificação de variáveis como *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*, que se distinguem por graus de consciência social e de diferenciação estilística, a variável (ẽ) pode ser caracterizada como um *marcador* para os paulistanos e como um *estereótipo* para não-paulistanos: enquanto esses dois tipos de variáveis apresentam variação estilística (diferentemente de indicadores), [ẽ] está disponível para comentários metadiscursivos para os não nativos da cidade, o que de modo geral não ocorre para os próprios paulistanos.

## **Envelope de variação, *corpus* e métodos**

O segmento /eN/ ocorre em uma série de contextos que fazem parte de fenômenos variáveis distintos, mas que se sobrepõem parcialmente. Isso significa que nem todas as ocorrências de /eN/ podem ser variavelmente realizadas como monotongo ou ditongo; em alguns casos, há ainda uma terceira variante, constituindo-se outra variável.

Sílabas átonas, sobretudo em posição inicial de vocábulo, como a preposição *em* e o prefixo *en-* (p. ex. *engarrafar*, *engravidar*), são quase categoricamente realizadas como [ĩ]. Esses dados podem ser considerados parte de um processo variável diferente, o alçamento de vogais pré-tônicas (ver

p. ex. BATTISTI, 1993; TENANI; SILVEIRA, 2008), que também ocorre com vogais orais (cf. [pe.'di.du] vs. [pi.'di.du]).<sup>11</sup> Em sílabas átonas finais, em palavras como *homem*, *virgem*, *comem*, /eN/ é passível não só de alçamento mas também de desnasalização (cf. ['ɔ.mẽj, 'viR.gẽj, 'kɔ.mẽj] vs. ['ɔ.mi, 'vir.gi, 'kɔ.mi]), algo que também ocorre com vogais nasais posteriores (Cf. [fa.'la.rãw] vs. [fa.'la.ru]) (ver p. ex. GUY, 1981; SCHWINDT; SILVA, 2009). Já em monossílabos tônicos como *bem*, *tem/têm*, *sem*, e em sílabas tônicas finais em palavras como *também*, *porém*, *ninguém* (COLLEY, 2011), /eN/ é categoricamente realizado como ditongo [ẽj]. Desse modo, não foram incluídos os casos de /eN/ em sílabas átonas (pré ou pós-tônicas), tampouco em sílabas tônicas em fim de vocábulo. Além disso, quando seguido do segmento /d/, especialmente em verbos no gerúndio (*fazendo*, *comendo*), /eN/ também está sujeito à assimilação de –nd– (Cf. [fa.'ze.nu], [ko.'me.nu]) (ver, p. ex., MOLLICA, 1989), um processo que parece bloquear a ditongação (\*[fa.zẽj.nu, ko.mẽj.nu]). As ocorrências de –end– foram incluídas apenas quando /d/ foi de fato realizado. Portanto, o envelope de variação desta análise inclui ocorrências de /eN/ pré-consonantal em sílabas tônicas iniciais ou mediais, como em *ênfase*, *fazenda* e a segunda sílaba de *entendo*.

O *corpus* de análise é composto de 118 entrevistas sociolinguísticas com informantes paulistanos, gravados entre 2009 e 2013 por membros do Grupo de Estudos em Sociolinguística (GESOL-USP) (MENDES; OUSHIRO, 2012, 2013). Os informantes são estratificados de acordo com quatro variáveis sociais: sexo/gênero (feminino; masculino), faixa etária (de 20 a 34 anos; de 35 a 59 anos; 60 anos ou mais); nível de escolaridade (até ensino médio; ensino superior); e região de residência (bairro mais central; bairro mais periférico). Cada gravação tem cerca de uma hora de duração e segue um roteiro de entrevista no qual se apresentam perguntas ao informante sobre seu bairro, sua infância, sua família, seu trabalho, formas de lazer, problemas e vanta-

11 A vogal média seguida de segmento nasal subespecificado em sílabas VN (sem consoante no ataque) apresenta alçamento vocálico praticamente categórico em diversas comunidades.

gens da cidade de São Paulo, além de uma lista de palavras, uma notícia de jornal e um depoimento (um texto com fortes traços de oralidade) para leitura. A lista de palavras contém oito vocábulos com /eN/ tônico não final (*enchente, entretenimento, fazenda, lento, menta, pertencimento, presente, urgente*) e as leituras de jornal e depoimento, outros nove (*frente, chovendo, a gente (2x), sempre, dentro, aguento, enchente e urgente*).

Do modo como se define o envelope de variação acima descrito, há um total de 25.703 ocorrências da variável na amostra. Dessas, selecionaram-se aleatoriamente 50 por falante dentre os dados de conversação (118 informantes x 50 dados = 5.900),<sup>12</sup> aos quais se somaram todos os dados de leituras (1.335), constituindo-se um arquivo com 7.235 ocorrências da variável. As variantes se distribuem conforme mostra a Tabela 1:

**Tabela 1:** Distribuição geral das ocorrências de (ẽ) como monotongo e ditongo

Codificação	N ocorrências	%
Monotongo [ẽ]	4.276	59,1
Ditongo [ẽj]	2.959	40,9
N Total	7.235	

Embora se constitua como um estereótipo do falar paulistano, a realização ditongada de (ẽ) não é predominante, mas é relativamente frequente: corresponde a cerca de 41% do total das ocorrências. Os dados foram codificados de acordo com oito variáveis sociais e cinco variáveis linguísticas especificadas no Quadro 1 e descritas detalhadamente adiante.

<sup>12</sup> Tal seleção foi realizada com a função *amostragem* do pacote *dmsocio* (OUSHIRO, 2014a) para o programa R (R CORE TEAM, 2013). Ver discussão em Oushiro e Mendes (2013, p. 75-76) para as vantagens desse método.

**Quadro 1:** Variáveis independentes

Variáveis sociais	
Sexo/Gênero	Feminino Masculino
Faixa etária / Idade	1ª faixa etária: 20 a 34 anos 2ª faixa etária: 35 a 59 anos 3ª faixa etária: 60 anos ou mais
Nível de escolaridade	Até Ensino Médio Ensino Superior
Região de residência	Bairro mais central Bairro mais periférico
Classe social / Índice Socioeconômico	Classe alta – A Classe média alta – B1 Classe média média – B2 Classe média baixa – C1 Classe baixa alta – C2 Classe baixa média – D
Origem dos pais	Pais paulistanos Pais não-paulistanos
Mobilidade geográfica	Baixa: sempre morou no mesmo bairro Média: mudou-se, mas sempre morou na mesma zona Alta: morou em diferentes zonas
Estilo	Conversação Leitura de depoimento Leitura de jornal Leitura de lista de palavras
Falante (efeito aleatório)	(Ver discussão adiante)

Variáveis linguísticas	
Contexto fônico precedente	[a, e, ε, i, o, ɔ, u, b, d, f, g, h, k, l, m, n, p, r, s, t, v, x, z] ou pausa
Contexto fônico seguinte	[b, d, dʒ, f, g, h, k, p, s, ʃ, t, ʎ, ʒ, z]
Vogal da sílaba seguinte	[I], como em “ <i>gente</i> , <i>paciência</i> ” [o], como em “ <i>tempo</i> ” [e], como em “ <i>setenta</i> ”
Classe morfológica	Substantivo – como em “ <i>centro</i> , <i>ambiente</i> ” Adjetivo – como em “ <i>contente</i> , <i>lento</i> ” Verbo – como em “ <i>pretendo</i> , <i>pensa</i> ” Advérbio – como em “ <i>felizmente</i> , <i>sempre</i> ” Numeral – como em “ <i>setenta</i> , <i>duzentos</i> ” Preposição – como em “ <i>em frente de</i> , <i>dentro</i> ” Pronome – “ <i>a gente</i> ”
Raiz-afixo	Raiz – como em “ <i>lembra</i> -o, <i>depend</i> -e” Afixo – como em “ <i>antiga</i> -mente, <i>faz</i> -endo”
Item Lexical (efeito aleatório)	(Ver discussão adiante)

Além das variáveis estratificadoras da amostra (Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade e Região de Residência), a ficha social dos informantes dispõe de informações sobre a origem dos pais (aqui classificados como paulistanos ou não paulistanos) e sobre os locais em que já morou (reorganizados em termos de menor ou maior mobilidade geográfica). A variável Origem dos Pais assume a hipótese de que [ẽ] é tipicamente paulistano e busca verificar se falantes cujas famílias são mais enraizadas na cidade apresentam maior tendência de emprego da variante. A partir de hipótese similar, Mobilidade Geográfica investiga se falantes mais enraizados em seus bairros também revelariam maior tendência ao emprego de [ẽ].



A classificação dos falantes em diferentes classes sociais se baseia em um índice composto por quatro parâmetros: (i) o nível de escolaridade do falante; (ii) a sua ocupação; (iii) a média dos índices de escolaridade e ocupação tanto para o pai quanto para a mãe do informante; e (iv) a renda média familiar de acordo com o bairro de residência, conforme levantamento da agência Ibope Inteligência em 2010.<sup>13</sup> Um índice socioeconômico foi calculado a partir da média dos valores de (i), (ii), (iii) e (iv), o que gerou uma escala contínua de 1.0 a 5.0. Os informantes foram então classificados nas seguintes classes sociais:

**Quadro 2:** Classificação dos falantes em classes sociais

	<b>Classe social</b>	<b>Índice socioeconômico</b>	<b>Número de Falantes</b>
A	Alta	4.1 a 5.0	4
B1	Média alta	3.6 a 4.0	23
B2	Média média	3.1 a 3.5	34
C1	Média baixa	2.6 a 3.0	31
C2	Baixa alta	2.1 a 2.5	19
D	Baixa média	1.6 a 2.0	7
E	Baixa baixa	1.0 a 1.5	0

A variável Estilo, por sua vez, é analisada da perspectiva laboviana como “grau de atenção à fala” (LABOV, 2001b). Assume-se que os fatores conversação, leitura de depoimento, leitura de notícia de jornal e leitura de lista de palavras representam progressivamente maiores graus de monitoramento por parte do falante, o que pode revelar as variantes de prestígio na comunidade.

As variáveis linguísticas abordam aspectos fonológicos e morfológicos que possivelmente se correlacionam com a realização variável de (ẽ). Context-

<sup>13</sup> Disponível em <<http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/imoveis/infograficos/pesquisa-de-imoveis-do-ibope-2010/>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

to Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte foram codificadas de acordo com cada segmento fonético, e posteriormente reorganizadas, cada qual, em Ponto de C (coronal, dorsal, labial; CLEMENTS; HUME, 1995) e sonoridade. A variável Vogal da Sílabla Seguinte testa se há, na fala paulistana, favorecimento da ditongação de (ẽ) quando a sílabla seguinte contém uma vogal coronal [I], de modo semelhante ao que Silva (2013) constatou em seus dados da fala carioca. A influência da morfologia na variável é analisada através da localização do segmento (ẽ) em diferentes classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc.), bem como se está na raiz da palavra ou não.

Classe Social e Faixa Etária foram analisadas tanto como variáveis discretas (na forma de fatores, p. ex. “classe B2”, “2ª faixa etária”) quanto como variáveis contínuas (p. ex., índice socioeconômico 3.4, 3.5, 3.6 etc., 20, 21, 22 anos etc.). Esse outro modo de tratamento dos dados tem o objetivo de complementar a descrição das correlações verificadas no modelo proposto para o encaixamento social e linguístico da variável (ẽ) na comunidade paulistana. Para diferenciar as variáveis discretas das contínuas, utilizam-se os nomes “Índice Socioeconômico” e “Idade”, respectivamente, para as últimas.

As análises estatísticas foram realizadas no programa R (R CORE TEAM, 2013), com auxílio do pacote Rbrul (JOHNSON, 2009), que é uma interface “interativa” (que funciona com base em menus com opções de comando) para emprego das funções *glm* (para *modelo linear generalizado*, do inglês “generalized linear model”) e *glmer* (para *modelos de efeitos mistos lineares generalizados*, do inglês “generalized linear mixed-effects models”) (BATES; SARKAR, 2008,<sup>14</sup> apud JOHNSON, 2009).

Como se trata de uma ferramenta ainda pouco empregada em estudos sociolinguísticos no Brasil, convém descrever as vantagens dos modelos de efeitos mistos (BAAYEN, 2008; JOHNSON, 2009) relativamente às análises usualmente desenvolvidas com o programa Varbrul (CEDERGREN;

14 BATES, D.; SARKAR, D. *lme4*: linear mixed-effects models using S4 classes. Disponível em <<http://cran.r-project.org>>. R package, version 0.999375-8, 2008.

SANKOFF, 1974; ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Em modelos de efeitos mistos, é possível incluir dois tipos de variáveis independentes no modelo estatístico, para análises de correlação com uma variável dependente: *efeitos fixos* e *efeitos aleatórios*. Os primeiros são variáveis cujos exemplares da amostra são representativos da população amostrada,<sup>15</sup> como o sexo e a classe social do informante, ou a classe morfológica da palavra. Tais variáveis e seus respectivos fatores podem ser replicados em outros estudos. Já os efeitos aleatórios referem-se a variáveis específicas da amostra analisada, como, por exemplo, os falantes individuais que foram aleatoriamente selecionados, ou os itens lexicais que fazem parte dos dados coletados. Uma nova amostragem aleatória de dados provavelmente acabaria contendo ocorrências provenientes de homens e mulheres de classes sociais comparáveis às de outras amostras coletadas com os mesmos critérios, bem como das mesmas classes de palavras, mas dificilmente selecionaria o mesmo conjunto de falantes ou de itens lexicais. A inclusão de efeitos aleatórios no modelo estatístico permite verificar se as correlações observadas se devem aos efeitos fixos – em geral, o principal foco de interesse do estudo, já que permitem chegar a generalizações – ou se possivelmente se devem à contribuição casual de certos indivíduos ou itens lexicais que eventualmente se comportam de modo distinto da população em geral. Em outras palavras, as variáveis no Rbrul são selecionadas como estatisticamente significativas apenas quando as correlações “são fortes o suficiente para superar a variação inter-falantes” (JOHNSON, 2009, p. 365).

Como resultado prático, análises realizadas no Varbrul podem por vezes selecionar certas variáveis como relevantes para a variação, quando de fato não o são, e análises realizadas no Rbrul podem deixar de reportar

---

15 O termo “população” é aqui empregado em sentido técnico e se refere ao universo do qual se extraíram os dados. Nesse caso, refere-se não só aos indivíduos informantes, mas também ao conjunto de realizações de (ê) no português paulistano, em seus respectivos vocábulos.

certas variáveis como relevantes, quando de fato o são (JOHNSON, 2009).<sup>16</sup> O Rbrul, desse modo, tende a ser mais conservador na avaliação de probabilidades – o que, de modo geral, é preferível em relação à possibilidade de reportar uma variável como relevante quando de fato não o é. Uma segunda vantagem da utilização do programa R é a possibilidade de se incluírem variáveis contínuas na análise (como Índice socioeconômico e Idade, neste estudo, ou frequência (Hz) de formantes, duração de segmentos em *ms* etc., em outros). Tome-se como exemplo a análise do grupo de fatores Faixa Etária, comum em estudos sociolinguísticos. Embora tratada como uma variável discreta no Varbrul, a interpretação de resultados é sempre feita como se fosse contínua, em termos de possíveis mudanças em progresso ao longo do tempo, de gradação etária ou de estabilidade no fenômeno em questão. Tratando-se efetivamente de uma variável contínua, é preferível ter a possibilidade de analisá-la como tal.<sup>17</sup>

## Resultados

Dentre as seis variáveis linguísticas analisadas, apenas duas são selecionadas como significativamente correlacionadas ao uso variável de (ê) no português paulistano: Classe Morfológica e Raiz-Afixo. É interessante notar que variáveis fonético-fonológicas – Contexto Fônico Precedente, Contexto

---

16 Essas diferenças geralmente ocorrem em relação a variáveis independentes que apresentam pouca relevância na análise no Varbrul, seja por uma pequena diferença no *range* (diferença entre maior e menor pesos relativos dentro de um grupo de fatores – GUY; ZILLES, 2007), seja na ordem de seleção no *step-up* (em geral, um dos últimos ou o último grupo de fatores a ser selecionado).

17 Não se intenciona fazer uma defesa incondicional de um programa em relação ao outro. Trata-se simplesmente de diferentes ferramentas de análise, que permitem analisar aspectos diferentes da variação linguística. Ao mesmo tempo, a comparação de resultados, de modo geral, não é comprometida: ambos os programas se utilizam de modelos estatísticos semelhantes e geram resultados das mesmas medidas, como pesos relativos, *log likelihood* e valor de significância. Quando se testam modelos idênticos nos programas (a inclusão das mesmas variáveis com os mesmos fatores), os resultados gerados são virtualmente os mesmos, podendo os pesos relativos diferir em 0,01 (JOHNSON, 2009).

Fônico Seguinte (reorganizados tanto como Ponto de C quanto por sonoridade do segmento) e Vogal da Sílabla Seguinte – não se correlacionam com (ê), cuja natureza é fonética. Isso indica que a ditongação de /eN/ não se deve a processos fonológicos comuns como assimilação, dissimilação ou harmonização vocálica em relação ao contexto fônico. Isso, claro, não descarta a possibilidade de correlações com outras variáveis acústico-articulatórias não analisadas aqui.

Os fatores da variável Classe Morfológica foram reagrupados em três categorias, uma vez que as diferenças entre cada um dos sete fatores originais não eram estatisticamente relevantes ( $\chi^2 = 3,36(4)$ ,  $p > 0,50^{18}$ ). A Tabela 2 mostra que palavras de conteúdo – substantivos, adjetivos e verbos – favorecem a ditongação de (ê) (P.R. 0.56); advérbios e numerais defavorecem-na (P.R. 0.45), assim como as palavras mais gramaticais – o pronome *a gente* e preposições (P.R. 0.41). Esse resultado é esperado, visto que palavras gramaticais como o pronome “a gente” se encontram em estágio avançado de gramaticalização (ZILLES, 2005) e, portanto, mais propensas a redução fonética. Isso torna mais provável a pronúncia de /eN/ como monotongo do que a realização mais longa como ditongo.

---

18 Lê-se “qui-quadrado igual a 3,36, com quatro graus de liberdade e valor de  $p$  maior do que 0,50”. A notação indica que a análise original com sete fatores tem grande probabilidade – maior do que 50% de chance – de não ser significativamente diferente da análise mais sintética com três fatores (7 – 3 fatores = 4 graus de liberdade). Pelo princípio da Navalha de Occam, é preferível a análise que explica o mesmo fenômeno com um menor número de elementos (3 fatores em vez de 7). Ver Guy e Zilles (2007, p. 188-197) sobre testes de qui-quadrado para amalgamação de fatores de uma variável.

**Tabela 2:** Correlação entre (ẽ) e variáveis linguísticas  
(N [ẽ] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [ẽ]	N [ẽ]	N Total
<b>Classe Morfológica<sup>a</sup></b>				
substantivo, adjetivo, verbo	.56	47,2	1.851	3.918
advérbio, numeral	.45	37,3	630	1.689
preposição, pronomes	.41	29,4	478	1.628
<i>Range</i>	14			
<b>Raiz-Afixo</b>				
raiz	.55	42,0	1.827	4.353
afixo	.42	39,3	1.132	2.882
<i>Range</i>	13			

P.R. = Peso Relativo. N = número de dados. *Input* = 0,388.  $\chi^2 = 3,36(4)$ ,  $p > 0,50$ .

O resultado para a variável Raiz-Afixo mostra que é maior a tendência à ditongação quando (ẽ) se encontra na raiz da palavra (P.R. 0.55), e menor quando se encontra em afixos (P.R. 0.42). Considerando-se que os sufixos (-mente, -mento, -ência etc.) são mais gramaticalizados que a raiz das palavras, observa-se aqui tendência semelhante àquela verificada com respeito a Classe Morfológica: quanto menor a carga semântica do morfema em que se encontra o segmento, menor a tendência de se empregar [ẽ].

As variáveis sociais, por sua vez, apresentam-se como as mais relevantes para o emprego variável de (ẽ) (Tabela 3). Das oito variáveis codificadas, apenas duas não são selecionadas: Região da Cidade e Origem dos Pais. Diferentemente da hipótese aventada, paulistanos filhos de paulistanos – que, em princípio, podem ser considerados os falantes mais prototípicos dessa variedade linguística – não apresentam maior tendência de emprego da variante estereotipicamente paulistana. Isso possivelmente se deve à rápida expansão da variante na comunidade (ver discussão adiante). Ao mesmo tempo, a despeito da associação feita pelos falantes entre a sentença “meu, você

tá entendendo o que eu tô dizendo?” e bairros mais centrais (ex. 5), a divisão geográfica entre bairros mais centrais e mais periféricos não tem relevância para a estratificação de (ê) em São Paulo.

**Tabela 3:** Correlação entre (ê) e variáveis sociais  
(N [ê] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [ê]	N [ê]	N Total
<b>Sexo/Gênero</b>				
Feminino	.64	50,1	1.800	3.592
Masculino	.36	31,8	1.159	3.643
<i>Range</i>	28			
<b>Faixa etária</b>				
20–34 anos	.63	49,5	1.159	2.340
35–59 anos	.50	42,3	1.071	2.534
60+ anos	.37	30,9	729	2.361
<i>Range</i>	26			
<b>Classe Social<sup>a</sup></b>				
A + B1	.60	48,3	828	1.714
B2	.58	42,5	910	2.140
C1	.43	37,4	694	1.856
C2 + D	.37	34,6	527	1.525
<i>Range</i>	23			
<b>Nível de Escolaridade</b>				
Ens. Médio	.44	37,1	1.305	3.514
Ens. Superior	.56	44,5	1.654	3.721
<i>Range</i>	13			
<b>Mobilidade<sup>b</sup></b>				
Baixa ou média	.55	44,7	1.725	3.856
Alta	.44	36,5	1.234	3.379
<i>Range</i>	11			
<b>Estilo<sup>c</sup></b>				
Lista de Palavras	.66	61,3	358	584
Depoimento + Jornal	.62	51,0	383	751
Conversaço	.47	37,6	2.218	5.900
<i>Range</i>	19			

*Input* = 0,388. <sup>a</sup> $\chi^2 = 0,67(2), p > 0,70$ . <sup>b</sup> $\chi^2 = 1,02(1), p > 0,30$ . <sup>c</sup> $\chi^2 = 0,41(1), p > 0,50$ .

Mesmo que estigmatizada em outras comunidades como um modo “feio” ou “engraçado” de falar (vejam-se os exemplos 9 e 10 acima), a ditongação de (ẽ) parece gozar de certo prestígio social na comunidade paulistana, ainda que abaixo da consciência (LABOV, 2001a). A variante é favorecida por membros de classes sociais mais altas (Cf. P.Rs. 0.60 e 0.58 para as classes alta/média alta e média média vs. 0.43 e 0.37 para as classes média baixa e baixa), pelos falantes com maior nível de escolaridade (P.R. 0.56) em relação ao menos escolarizados (P.R. 0.44), e nos estilos de fala mais monitorados das leituras (P.R. 0.66 e 0.62) em relação à fala mais espontânea da conversação (P.R. 0.47).<sup>19</sup> No Rbrul, o resultado para variáveis contínuas é fornecido em *logodds*, que é o logaritmo da probabilidade de um evento ocorrer dividido pela probabilidade de não ocorrer ( $\ln[p/(1 - p)]$ ) (JOHNSON, 2009). Como variável contínua, Índice socioeconômico ( $p < 0,001$ ) revela um aumento de probabilidade de ocorrência da ditongação em 0.636 unidades de *logodds* para cada unidade na escala socioeconômica (de 1 a 5). Essas variáveis revelam uma gradação sistemática no emprego de [ẽj] quanto às hierarquias esperadas de correlação com variantes não estigmatizadas: a ditongação é favorecida pelos falantes de classes mais altas, mais escolarizados e em estilos de fala mais monitorados.

Por outro lado, a variável Mobilidade Geográfica mostra que a ditongação é mais típica entre falantes com menor mobilidade, mais enraizados em seus bairros ou regiões de residência. Essa correlação indica que a variante pode funcionar como índice de identidade local, seja com o bairro, seja com a própria cidade.

Dentre todas as variáveis linguísticas e sociais, a que mais fortemente se correlaciona com a pronúncia de (ẽ) é o Sexo/Gênero dos falantes. A

---

<sup>19</sup> A diferença entre a leitura de lista de palavras e a de notícia de jornal e depoimento, com efeito, não é significativa ( $\chi^2 = 0,59(1)$ ,  $p > 0,30$ ), de modo que se poderiam apresentar os resultados para essa variável na forma binária “leituras” vs. “conversação”. A distinção é mantida na Tabela 3 apenas para ilustrar a gradação paralela aos níveis esperados de monitoramento da fala.



ditongação é fortemente favorecida pelas mulheres (P.R. 0.64) e, inversamente, bastante desfavorecida pelos homens (P.R. 0.36). A variável Faixa Etária revela um padrão de favorecimento da ditongação entre os mais jovens (P.R. 0.63), e gradual desfavorecimento entre os falantes da segunda (P.R. 0.50) e da terceira (P.R. 0.37) faixas. Para Idade, a cada incremento de unidade (20, 21, 22 anos etc.), diminui-se em 0,029 *logodds* a probabilidade de ditongação ( $p < 0,001$ ). Em outras palavras, quanto mais velho o falante, menor a probabilidade de ocorrência da variante ditongada. Ademais, ainda que sejam pouco frequentes as avaliações como a de Fernando B. (ver ex. 6 acima) como um modo de falar de “patricinhas”, as correlações observadas nos dados parecem caracterizar justamente essa identidade social – jovens do sexo feminino e de classe mais alta. Esses resultados para Sexo/Gênero e Faixa Etária, considerados paralelamente ao discurso dos falantes da amostra, permitem caracterizar esse processo variável como uma possível mudança abaixo da consciência social (LABOV, 2001a), observada em tempo aparente.

## **O encaixamento social de uma mudança abaixo da consciência**

Considerando-se que os paulistanos em geral não parecem ter consciência dessa variável, os resultados aqui se emparelham com os daqueles de uma série de outros estudos sociolinguísticos que reportam o fato de as mulheres estarem à frente dos homens em casos de mudança de baixo – por exemplo, o alçamento de (ɛ) e (ɔ) em Nova Iorque (LABOV, 2006 [1966]<sup>20</sup>), a anteriorização de (ɛ), (ɔ) e (o) em Detroit (FASOLD, 1969<sup>21</sup>), a anteriorização

---

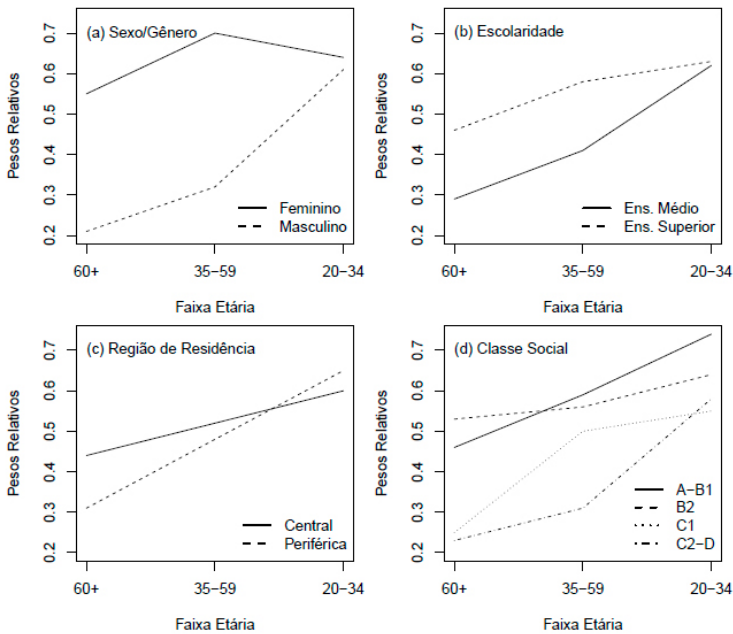
20 LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

21 FASOLD, R. W. **A sociolinguistic study of the pronunciation of three vowels in Detroit speech**. 1969. Ms.

de (aw) em Toronto e em Vancouver (CHAMBERS; HARDWICK, 1985<sup>22</sup>), para citar alguns (apud LABOV, 2001a).

Interessa, então, discutir como tem ocorrido o encaixamento social da variável em tempo aparente. Nesse sentido, realizaram-se cruzamentos entre a variável Faixa Etária e as demais variáveis sociais, cujos resultados, em pesos relativos, são representados graficamente na Figura 2.

**Figura 2:** Tendências de emprego de [ẽj] em cruzamentos entre Faixa Etária e (a) Sexo/Gênero, (b) Nível de escolaridade, (c) Região de residência e (d) Classe social.



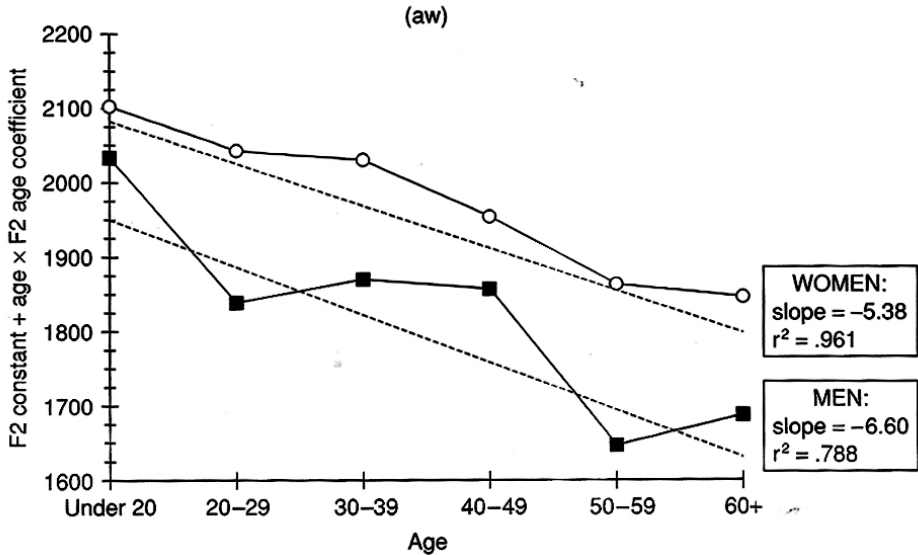
22 CHAMBERS, J. K.; HARDWICK, M. F. Dialect homogeneity and incipient variation: changes in progress in Toronto and Vancouver. In: HARRIS, J.; HAWKINS, R. (Ed.), **Sheffield Working Papers in Language and Linguistics**, v. 2. Sheffield: School of Modern Languages and Linguistics, University of Sheffield, 1985.

Percebe-se que o padrão de estratificação social no emprego de [ễ] se mantém, na maior parte dos casos, nas três faixas etárias. Por exemplo, o padrão geral de maior tendência de emprego da ditongação pelas mulheres em relação aos homens é observado entre os mais jovens, os de idade intermediária e os mais velhos (Cf. 0.64 vs. 0.61; 0.70 vs. 0.32; 0.55 vs. 0.21). No entanto, tais diferenças se reduzem drasticamente entre os falantes de primeira faixa etária. A aproximação de tendências na fala dos informantes mais jovens se visualiza pela aproximação das curvas no canto superior direito de cada gráfico.

Com efeito, análises multivariadas que consideram apenas os dados dos falantes entre 20 a 34 anos (excluindo-se, evidentemente, a variável Faixa Etária) deixam de selecionar Região de Residência, Sexo/Gênero, Escolaridade e Classe Social. As três últimas, como mostrou o subitem anterior, estão entre as mais relevantes para a estratificação social de (ê) em São Paulo quando se considera o conjunto total de falantes. Entre os mais jovens, fatores estilísticos e linguísticos se sobrepõem à estratificação social.

Verifica-se, portanto, que as diferenças entre mulheres e homens, entre mais e menos escolarizados, e entre indivíduos de diferentes classes sociais se neutralizam na primeira faixa etária deste estudo. Resultados semelhantes são reportados por Labov (2001a) a respeito de variáveis fonéticas no inglês da Filadélfia, como (eyC) e (aw), em mudanças de baixo lideradas por mulheres. A Figura 3 é transposta de Labov (2001a, p. 304) e mostra o gráfico das taxas médias para o fronteamto de (aw) para diferentes grupos etários, separados por sexo/gênero.

**Figura 3:** Valores de frenteamento de (aw) por década e sexo/gênero no Philadelphia Neighborhood Study



Fonte: Labov (2001a, p. 304).

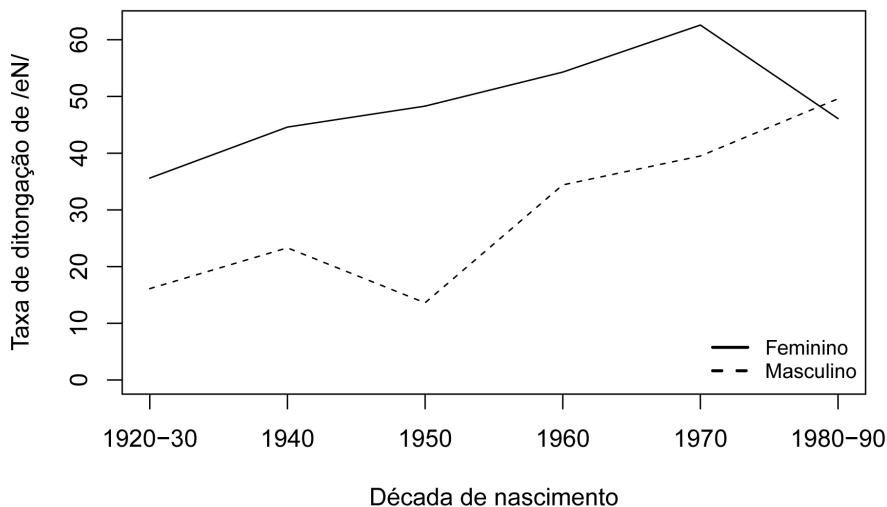
Observe-se que (i) a taxa de mudança entre as mulheres é mais regular do que entre os homens, o que faz da linha de regressão das primeiras (a linha pontilhada superior,  $r^2 = 0,961$ ) mais previsora do que a dos segundos ( $r^2 = 0,788$ ) para o frenteamento de (aw);<sup>23</sup> e (ii) a inclinação da curva para as mulheres (-5.38) é menor do que para os homens (-6.60), o que revela o avanço do frenteamento de (aw) entre os homens mais jovens.

Na presente análise de (ẽ), a reorganização dos dados de acordo com a década de nascimento do falante permite uma observação mais detalhada da

<sup>23</sup> Em outras palavras, o modelo de regressão linear se aplica mais adequadamente às mulheres, de modo que os valores previstos pelo modelo correspondem mais aproximadamente aos valores observados nos dados. Nas palavras de Labov (2001a, p. 303), “there is [then], for women’s use of (aw), very little difference between using age as a single quantitative variable and the decade-by-decade analysis”. Para os homens, a progressão no tempo é mais complexa.

progressão de [êĩ] ao longo do tempo (aparente) na cidade de São Paulo.<sup>24</sup> Na Figura 4, apresentam-se as taxas de emprego da variante ditongada, divididas por sexo/gênero, para datas de nascimento desde 1927 (o informante mais velho da amostra, Eduardo K.) até 1993 (a informante mais jovem, Milena F.).

**Figura 4:** Taxas de [êĩ] de acordo com década de nascimento e sexo/gênero dos falantes



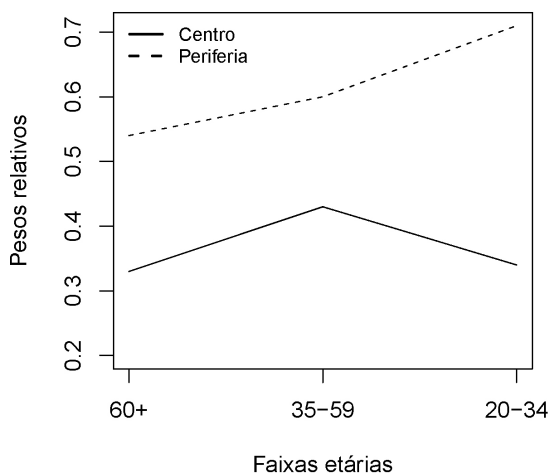
Observe-se que, de modo semelhante aos dados de (aw) na Filadélfia (Figura 3 mais acima), a progressão de [êĩ] é mais regular entre as mulheres, exceto para a última década. Além disso, note-se que as mulheres estão aproximadamente uma geração à frente dos homens, já que apresentam taxas de emprego de [êĩ] que só se equiparam cerca de 30 anos depois pelos homens: esses só atingem a taxa de aproximadamente 35% de ditongação na década de 1960, enquanto as mulheres já empregam a variante nessa proporção nas décadas de 1920-30; a taxa de 40% entre homens em 1980-90 já havia sido ultrapassada pelas mulheres nos anos 1960.

24 O reagrupamento dos falantes a partir de sua data de nascimento, em vez de simplesmente empregar faixas etárias mais curtas, é preferível pelo fato de que as entrevistas foram coletadas ao longo de cinco anos (2009 a 2013). O ano de nascimento é um parâmetro que se aplica objetivamente a todas as gravações, independente-mente do ano em que foram coletadas.

A aproximação de tendências entre os falantes mais jovens, neste caso, não se deve a uma aceleração do processo por parte dos homens, mas por uma aparente retração por parte das mulheres. Não se deve interpretar daí que a direção da mudança está em vias de reversão. Labov (2001a, p. 454), em seu *corpus* da fala da Filadélfia, também observa a existência de um pico entre jovens adultos e uma queda entre os falantes com menos de 20 anos (no presente estudo, o pico está entre 20 e 30 anos), e interpreta que a mudança pode ter chegado a um limite. Será interessante observar, nos próximos anos e décadas, a progressão da mudança na comunidade paulistana, analisando também o comportamento de falantes mais jovens não incluídos na presente amostra (adolescentes e crianças).

Ao mesmo tempo, é possível traçar aqui uma comparação entre o encaixamento de (ẽ) e outros fenômenos variáveis no português paulistano e brasileiro, que diferem quanto ao grau de saliência social e de estabilidade/mudança. Para a comunidade paulistana, Oushiro e Mendes (2013) haviam notado tendências opostas no emprego da variante retroflexa – em contraste com a pronúncia como tepe –, para (-r) em coda silábica (p. ex. “porta”), entre jovens residentes de diferentes áreas na cidade (Figura 5).

**Figura 5:** Tendências de emprego da variante retroflexa de (-r) em coda quanto à faixa etária e região de residência



Fonte: Oushiro e Mendes (2013, p. 87).

Enquanto os jovens de periferia favorecem fortemente o emprego do retroflexo, em consonância com um movimento global em tempo aparente na direção dessa variante, os jovens residentes de bairros mais centrais parecem estar revertendo a tendência da comunidade. Tal observação aponta para o fato de que região de residência e faixa etária, nesse caso, não são independentes entre si, e que pode haver falantes ou grupos de falantes que “caminham” em direções opostas dentro de uma mesma comunidade. Enquanto se observa convergência no caso de (ê), para a variável (-r) observa-se divergência.

A questão de movimentos divergentes numa mesma comunidade é explorada no modelo de *fluxos e contrafluxos* de Naro e Scherre (NARO; SCHERRE, 1991; SCHERRE; NARO, 2006). A partir dele, os autores questionam a suposição de que a mudança linguística sempre se dá unidirecionalmente, e apresentam evidências de tendências opostas quanto aos usos da

variante padrão das concordâncias nominal e verbal, em amostras sincrônicas e diacrônicas. Afirmam Scherre e Naro (2006, p. 120):

*[...] o melhor modelo para dar conta da concordância de número no português brasileiro é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias linguisticamente bem estruturadas. Este modelo certamente se aplica a fenômenos sujeitos a estigma, mas solidamente estruturados. (Grifos acrescidos)*

Possivelmente, esse também é o caso de (-r) em coda silábica investigado por Oushiro e Mendes (2013); embora a comunidade presente, de uma perspectiva global e em tempo aparente, leve tendência na direção do retroflexo, o estigma da variante em certos grupos pode ter conduzido a forte reação por parte dos jovens de bairros mais centrais, no sentido de evitá-la.

O contraste que interessa enfatizar aqui está no fato de que, para a variável (ê) em São Paulo, a grande maioria dos falantes não demonstra uma atitude negativa para com a variante ditongada e tampouco desenvolve um discurso metalinguístico elaborado quanto à variável – diferentemente das avaliações correntes sobre as concordâncias de número e sobre a realização de (-r) em coda silábica (ver OUSHIRO, 2014b). Isso sugere, em complemento à proposta de Naro e Scherre sobre fenômenos sujeitos a estigma, que variáveis de baixa saliência social devem revelar maior tendência a progredir unidirecionalmente, contanto que não venham a se associar a valores negativos. A validade dessa hipótese certamente depende da comparação de padrões de variação e de progressão, em tempo aparente e em tempo real, de um número maior de variáveis, empreitada que está além do escopo deste trabalho. A proposta aqui é que se lance um olhar mais atento à avaliação social que os falantes fazem das variantes, para além das impressões do próprio pesquisador, a fim de melhor compreender casos de variação estável ou de mudança em progresso em diferentes comunidades.



## Considerações finais

O presente artigo descreve o encaixamento linguístico e social de uma variante que, na comunidade paulistana, não é saliente – a pronúncia ditongada de /eN/. Observa-se a preponderância de fatores de natureza social em relação aos de natureza linguística e, entre os primeiros, a importância das variáveis Sexo/Gênero e Faixa Etária. Os resultados de análises quantitativas, juntamente à análise do discurso metalinguístico dos informantes, permitem caracterizar este como um típico caso de mudança de baixo, liderado pelas mulheres. No entanto, observa-se também que as diferenças sociais se neutralizam entre os falantes mais jovens.

Com vistas a comparar fenômenos variáveis cujos graus de saliência social e padrões de encaixamento se distinguem, e com vistas a formular generalizações que contribuam para um modelo mais amplo da Teoria da Variação e da Mudança, sugere-se, em complemento ao modelo de fluxos e contrafluxos de Naro e Scherre (NARO; SCHERRE, 1991; SCHERRE; NARO, 2006) para fenômenos linguísticos estigmatizados, que processos de variação e mudança abaixo da consciência dos falantes tendem a uma progressão mais vigorosa e unidirecional. A observação da evolução dos padrões sociolinguísticos de (ê) nos próximos anos em São Paulo, bem como a análise comparada de outras variáveis e comunidades, permitirão avançar no teste da validade dessa hipótese.

**Agradecimentos:** A Mariane Bieler, Marília Vieira e Wendel Santos, pela disponibilização de suas amostras. A Marta Scherre, pelos valiosos comentários e sugestões a uma versão prévia deste artigo, e aos pareceristas anônimos, por seus apontamentos igualmente pertinentes. À Fapesp, pelo financiamento da pesquisa.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Social salience and language change: nasal /e/ diphthongization in Paulistano Portuguese. **Revista do Gel**, v. 11, n. 2, p. 9-46, 2014.

**ABSTRACT:** *Based on Sociolinguistics theory and methods (LABOV, 1972), this article analyzes the variable realization of /eN/ (as in fazenda ‘farm’ and pretendo ‘I intend’) as a monophthong [ê] or a diphthong [ẽj], in a contemporary corpus of 118 recordings with Paulistano speakers. Analyses of the speakers’ metalinguistic discourse show that the variable is below the level of consciousness in the community, even though diphthongal /eN/ seems to be a Paulistano stereotype (LABOV, 1972) for non-native speakers. The data were analyzed in mixed-effects models (BAAYEN, 2008; JOHNSON, 2009) in R and show that [ẽj] is spreading in the community, being strongly favored by women, speakers with a high level of education, of higher social classes and with less geographic mobility. However, these differences are neutralized among younger speakers. The article thus discusses the social embedding of a change from below (LABOV, 2001a) and, in complement to the model of flows and counter-flows (SCHERRE; NARO, 2006) proposed for stigmatized variants, it suggests that variables below the level of consciousness tend to spread rapidly and unidirectionally.*

**KEYWORDS:** *Nasal /e/. Diphthongization. Variation. Language attitudes. Change from below. Social salience. São Paulo.*

## Referências

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Nasalização fonética e variação. In: ABAURRE, M. B. M. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-164.

BAAYEN, R. H. **Analysing linguistic data: a practical introduction to statistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de**

**vocábulo na fala gaúcha.** 1993. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BIELER DA SILVA, M. E. **Entre duas metrópoles:** a sociolinguística de Itanhandu. Projeto de Mestrado (Capes) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL-FFLCH-USP, São Paulo, 2013. Ms.

BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **DELTA**, São Paulo, v. 14, p. 27-46, 1998.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**, v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The handbook of phonological theory.** Cambridge: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COLLEY, M. Variação fonética nas vogais nasais e nasalizadas no português carioca. In: CONGRESSO DA ABRALIN, VII, Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba, 2011.

DEMASI, R. C. B. **A ditongação nasal no português brasileiro.** 2009. 234f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese:** aspects of the phonology, syntax and language history. 1981. 406f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa:** instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

JOHNSON, D. E. Getting off the GoldVarb Standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. **Language and Linguistics Compass**, v. 3, n. 1, p. 359-383, 2009.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001a.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.) **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

MEDEIROS, B. R. Vogais nasais do português brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. **Revista Letras**, Curitiba, Editora UFPR, v. 72, p. 165-188, maio/ago. 2007.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa**, v. 53, n. 3, p. 973-1001, 2012.

\_\_\_\_\_. **Documentação do Projeto SP2010: Construção de uma amostra da fala paulistana**. 2013. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

MOLLICA, M. C. Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica. **Estudos Linguísticos**, v. 17, p. 513-520, 1989.

MORAES, J. A. Produção e percepção de vogais nasais. In: ABAURRE, M. B. M. **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-112.

NARO, A. J; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 20, p. 9-16, jan./jun. 1991.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. (Org.) **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014a. p. 134-177.

\_\_\_\_\_. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2014b. 390f. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014b.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

R CORE TEAM. **R**: a language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2013. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**. A multivariate analysis application for Windows. 2001. Disponível em: <<http://privatewww.essex.ac.uk/~patrickp/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

SANTOS, W. S. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. Projeto de Mestrado (CNPq) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL-FFLCH-USP, São Paulo, 2012. Ms.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

SCHWINDT, L. C.; SILVA, T. B. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais do português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Ed.). **Português do Sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009. p. 13-33.

SILVA, C. C. C. A preliminary study on the nasal diphthongization in carioca's speech. In: PHONETICS AND PHONOLOGY IN IBERIA, 2013, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 2013.

TENANI, L.; SILVEIRA, A. A. M. da. O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. **Alfa**, v. 52, n. 2, p. 447-464, 2008.

VIEIRA, M. S. **Aí, daí e então como articuladores de orações em Campo Grande (MS) e São Paulo (SP)**. Projeto de Doutorado (Capes) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL-FFLCH-USP, São Paulo, 2013. Ms.

ZILLES, A. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, v. 17, p. 19-53, 2005.